

Credores recebem do Brasil US\$ 1,333 bi

14 OUT 1995

O Brasil depositou ontem um total de US\$ 1,333 bilhão no Chase Manhattan Bank, em Nova York, para o pagamento aos credores privados da dívida externa.

Deste total, US\$ 1,27 bilhão são referentes à segunda parcela anual dos juros da dívida renegociada em 1992. Já os US\$ 63 mil restantes são pagamento de juros e principal dos bônus de dinheiro novo do acordo fechado em 1988.

Estes recursos foram debitados das reservas internacionais do país que tinham fechado o mês de agosto com o saldo de US\$ 45,7 bilhões em caixa, ou seja, recursos efetivamente disponíveis.

No feriado da quinta-feira, o Brasil entregou as duas últimas parcelas dos US\$ 3,9 bilhões exigidos como garantias no acordo de 1992. Foram entregues US\$ 537,7 milhões que se referem à prestação deste mês e à antecipação do valor que seria entregue em abril.

Títulos — Com a antecipação, o Brasil poderá, a partir de segunda-feira, atuar no mercado secundário de seus próprios títulos. Segundo Ceres Cerqueira, do Departamento da Dívida Externa do BC, isso vai permitir ao país “administrar seu próprio passivo”.

A técnica do BC analisa, no entanto, que no primeiro momento a ten-

dência é de alta dos papéis brasileiros. Isso porque a antecipação demonstra que a situação financeira do país é boa, o que reflete a estabilidade.

“Mas podemos ficar acompanhando para aproveitar um momento de baixa”, destacou. Ou seja, o País pode entrar no mercado recomprando seus próprios títulos, com deságio, por exemplo, reduzindo a dívida externa e, ainda, arcando com custos menores.

Garantias — A entrega das garantias, explica Ceres, não tem impacto nas reservas externas porque “apenas trocam de conta” no Banco de Compensações Internacionais (BIS), na Suíça, onde estão sob custódia.

O impacto ocorre no orçamento do Tesouro, responsável pelo pagamento, que repassa ao BC os reais referentes aos US\$ 537,3 milhões.

As garantias estão em títulos do Tesouro americano, com prazo de 30 anos, que foram comprados pelo Banco Central numa operação sigilosa feita em 1993. Desde então, elas estão no BIS, que auxiliou o BC na compra secreta e continuam no nome da república brasileira.

Ao contrário da entrega das garantias, a operação dos pagamentos dos acordos de 88 e 92 só será liquidada na segunda-feira, quando o Chase Manhattan fizer a distribuição da parcela de cada credor.

CORREIO BRAZILENSE